

Bolota a bolota: cidadãos ajudam a reconstruir o futuro do carvalho-anão português

written by O Cidadão | 18 de Abril, 2026



Desde turmas do primeiro ciclo a grupos de escuteiros, dezenas de participantes têm ajudado na **recolha de bolotas** e no mapeamento da **espécie *Quercus lusitanica***, conhecida como **carvalhiça**. Um trabalho realizado no âmbito do **LusoQuercus**, um projeto de investigação, coordenado pelo Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (BIOPOLIS-CIBIO) da Universidade do Porto, que conta com a participação de vários docentes da **Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP)**.



O projeto analisa também a sua capacidade de rebentar no pós-fogo. Direitos Reservados

“O LusoQuercus centra-se na conservação e estudo do Quercus lusitanica, um arbusto anão lindíssimo e pouco conhecido, altamente ameaçado no Noroeste do país”, explica Ana Campilho, coordenadora do projeto e professora na FCUP. A pressão das alterações climáticas e da agricultura intensiva tornam esta espécie, que se distingue pela sua forma peculiar de propagação horizontal através de caules subterrâneos, especialmente vulnerável.

O contributo da sociedade tem sido decisivo para devolver visibilidade a este **carvalho-anão** e reunir a informação necessária para garantir o futuro desta planta. A recolha de bolotas, feita pela comunidade e promovida pelo LusoQuercus, é essencial para o trabalho de conservação, permitindo à equipa científica mapear populações e aprofundar o conhecimento sobre a espécie.

A presença da carvalhiça no território é, aliás, muito particular. O *Quercus lusitanica* deve a sua designação à **distribuição marcadamente portuguesa**. A maioria dos núcleos encontra-se em território português, dispersos de Noroeste a Sul, e apenas algumas manchas no golfo de Cádiz e Marrocos. **“É o único carvalho-anão da Euro-Ásia”**, sublinha Ana Campilho. **“As restantes espécies-anãs são americanas”**, o que acentua a importância de conservar este pequeno arbusto.

O projeto analisa ainda a sua capacidade de rebentar no pós-fogo. Foto: DR

Um verdadeiro movimento de devolução

Nas estufas do **BIOPOLIS-CIBIO**, as bolotas dão origem a novas carvalhiças que serão plantadas em escolas, parques e jardins públicos, e em florestas fragilizadas, num verdadeiro movimento de devolução, que procura dar ao *Quercus lusitanica* o lugar que merece no território português. Como resume a coordenadora do projeto, **“queremos elevar a espécie, tornando-a icónica cá em Portugal”**.

Paralelamente, a equipa está a investigar como variam, geneticamente, estes carvalhos-anões ao longo do país. **“Estamos a analisar qual é a diversidade genética das populações, informação essencial para a genómica da conservação, que nos permitirá perceber se há plantas mais adaptadas ao calor ou à seca e se essas características podem ajudar a proteger a espécie no futuro, nomeadamente da forte pressão das alterações climáticas”**, explica a investigadora.



O LusoQuercus está a mapear e proteger a carvalhiça em várias regiões. Direitos Reservados

Há, também, testes de diferentes formas de propagação, incluindo por estaca, em curso para produzir plantas com maior rapidez, mas é o comportamento da espécie após incêndios e os seus caules subterrâneos que mais têm chamado a atenção da equipa. ***“Este pequeno carvalho é frequentemente dos primeiros a rebentar depois do fogo, um sinal de resiliência que ainda não está totalmente compreendido”***, comenta.

Da floresta às escolas para semear o futuro

A divulgação tem sido outro pilar do projeto, com ações em escolas do primeiro ciclo ao secundário. As carvalhiças jovens, produzidas nas estufas, e as bolotas servem de base para atividades práticas que aproximam os alunos da espécie e dos desafios da sua conservação. ***“Eles gostam é muito das bolotas, principalmente os mais pequeninos, que ficam***

encantados e querem fazer esculturas”, conta ainda Ana Campilho. A equipa leva pés de planta ou bolotas para semear nas escolas e, sempre que possível, acompanha a plantação. *“Uma turma de quarto ano estava muito entusiasmada com os carvalhos”*, recorda a investigadora, que descreve esta experiência como *“um dos momentos mais bonitos”* que viveu no projeto.

Este movimento, entre participação pública, investigação e devolução ao território, assenta numa estrutura que o LusoQuercus tem vindo a consolidar desde a sua génese. O projeto arrancou no âmbito do **Prémio de Biodiversidade da Fundação Belmiro de Azevedo**, tendo, mais tarde, o apoio da Fundação Belmiro de Azevedo. Recentemente, conquistou financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia/COMPETE2030-FEDER, que o apoia nos próximos dois anos.



O projeto dinamiza atividades nas escolas que despertam a curiosidade dos mais novos. Direitos Reservados

Para além de **Ana Campilho**, conta com uma equipa multidisciplinar, da qual fazem parte vários docentes da FCUP: **Carlos Vila-Viçosa, Mariana Sottomayor, Rubim Almeida, Fernando Tavares, Ana Rita Seabra, Paulo Farinha Marques e Catarina Teixeira.**

A iniciativa envolve ainda diversas instituições, entre elas as associações Viver a Ciência e BioLiving, o INEGI – Instituto de Ciência e Inovação em Engenharia Mecânica e Engenharia Industrial, o Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto e o Jardim Botânico da Universidade do Porto.

OC/ Francisca Rodrigues e Renata Silva/FCUP